

Corpo e Negacionismo: a Novilingua do Fascismo na Nova República, Brasil 2013/2019

Body and Negationism: the “Novilingua” of Fascism in the New Republic, Brazil
2013/2019

Cuerpo y negacionismo: la "Novilingua" del fascismo en la Nueva República, Brasil
2013/2019

Francisco Carlos Teixeira da Silva¹

<https://orcid.org/0000-0002-3925-7327>

RESUMO: O presente artigo dedica-se a examinar a emergência de uma “novilingua” – conforme o conceito de Victor Klemperer – ou um socioleto, a partir da sociolinguística, dos grupos sociais e políticos de Ultradireita no Brasil no tempo presente. Voltamo-nos para o discurso político de partidos como o PSL/Partido Social Liberal, movimentos sociais de extrema-direita, personagens e atores políticos que recusam a Democracia Representativa, a diversidade social e política, as instituições republicanas. Em especial aqueles que promovem discursos de ódio contra grupos sociais, raciais, regionais ou de gênero e recusam a história do passado recente, incluindo do Regime Civil-Militar de 1964. Para explicitar as relações entre os extremismos de Ultradireita históricos – os fascismos do século XX – e os contemporâneos recorreremos aos exemplos históricos clássicos e contemporâneos, na Alemanha, Itália e Espanha.

PALAVRAS-CHAVE: Nova República. Fascismos. Direita. Negacionismo. Extremismos

ABSTRACT: This article is dedicated to examining the emergence of a “novilingua” - according to Victor Klemperer's concept - or a “sociolet”, from the sociolinguistics studies, of the ultra-right social and political groups in Brazil at the present time. We turn our attention here to the political discourse of parties like the PSL / Liberal Social Party, far-right social movements, personalities and political

¹ Professor Titular de História Moderna e Contemporânea do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH/UFRJ) e Professor Titular de Teoria Política do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Autor de trabalhos sobre ditaduras e fascismos, estudos sobre as guerras contemporâneas, sobre Cinema e História e fundador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente/Tempo, 1994, tendo ganhado o Prêmio Jabuti 2014 e o Prêmio da União Brasileira de Escritores/UBE. Professor-Visitante na Universidade Nacional de La Plata, de L'Aquila (Itália), Technische Universität Berlin/TU, University of Oslo/UiO, Freie Universität Berlin/Fu e Universidade de Lisboa. Publicou em 2017, o romance *Corpo, Cabeça* (Autografia/Edupe, 2017). Contato: chicotempo@uol.com.br



actors who reject Representative Democracy, social and political diversity, and republican institutions. Especially those who promote hate speech against social, racial, regional or gender groups and reject the history of the recent past, including the history of the 1964 Civil-Military Regime. To make explicit the relations between the historic Right-wing extremisms - twentieth-century fascisms - and contemporary fascisms we resort to we will exemplify with the classic and contemporary historical cases in Germany, Italy and Spain.

KEYWORDS: New Republic. Fascisms. Right. Negationism. Extremisms

RESUMEN: El presente artículo examina la emergencia de una "Novilingua" - conforme al concepto de Victor Klemperer - o un sociolecto, a partir de la sociolingüística que utilizan los grupos sociales y políticos de la ultraderecha en el Brasil actual. Estudiamos el discurso de partidos políticos como el PSL/ Partido Social Liberal, así como de movimientos sociales de extrema derecha, personajes y actores políticos que rechazan la democracia representativa, la diversidad social y política y las instituciones republicanas. En especial aquellos que promueven discursos de odio contra grupos sociales, raciales, regionales o de género y rechazan la historia del pasado reciente, incluyendo al Régimen Civil-Militar de 1964. Para ejemplificar las relaciones entre la ultraderecha histórica - los fascismos del siglo XX - y los contemporáneos recurrimos a los ejemplos clásicos y contemporáneos en Alemania, Italia y España.

PALABRAS CLAVES: Nueva República, Fascismos, Derecha, Negacionismo, Extremismos

Para citar este artigo:

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Corpo e Negacionismo: a Novilingua do Fascismo na Nova República, Brasil 2013/2019. **Locus - Revista de história**, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.307-332, 2019 E-ISSN: 2594-8296 - ISSN-L: 1413-3024

Em janeiro de 2019 as autoridades do Rio de Janeiro fecharam um centro cultural e cercaram uma praça com policiais militares armados com fuzis e escopetas para que uma atriz não encenasse um trecho da peça “Baratária”, de Rodrigo Santos, uma alegoria sobre a tortura de prisioneiras políticas, com uso de insetos, durante a ditadura civil-militar brasileira de 1964-1985. Milhares de pessoas se reuniram e protegendo o grupo teatral garantiram a realização do espetáculo em plena rua². A alegação do corpo policial armado, na praça, em afinação com as autoridades públicas, era a existência de “grave

² O Globo, Artistas apresentam na rua performance proibida na Casa França-Brasil, 14 jan. 2019. In: <https://oglobo.globo.com/cultura/artistas-apresentam-na-rua-performance-proibida-na-casa-franca-brasil-23372159> Acesso em: 31 jan. 2019.

atentado ao pudor”, ante a possibilidade da exposição do corpo nu da atriz (o que, de fato, não ocorreu). Nada foi dito, entretanto, do atentado aos direitos das mulheres que tiveram seus corpos expostos às sevícias e manipulações dos torturadores e a pornográfica exposição do corpo-massa orgânica disponível para cobras, ratos, baratas e todas as sujeidades que o torturador submetia o corpo das mulheres durante a ditadura brasileira.

Aparentemente só o corpo nu da mulher é uma violência pornográfica.

Durante a recente campanha eleitoral no Brasil, em 2018, uma parte mais esclarecida da opinião pública do país – e mesmo do exterior – ficou chocada com a defesa da tortura, da eliminação física de bandidos e, mesmo de oponentes políticos, por um dos candidatos, seu partido e seus correligionários, incluindo o Governador eleito do Rio de Janeiro. Neste crescendo chegou-se mesmo a um processo de “revisão” histórica do regime civil-militar havido no país (1964-1985) e, ato seguido, pelo “entendimento” benevolente do Holocausto, elogios “patrióticos” ao ditador Alfredo Stroessner, do Paraguai, e ao Regime Augusto Pinochet, no Chile – neste último caso com acusações e deboches contra as vítimas da tortura em massa praticada naquele país³. Devemos lembrar, que para além da destruição da democracia no Chile, e das formas institucionais no Paraguai, Pinochet e Stroessner são acusados de crimes contra a humanidade, como sequestro, assassinatos múltiplos e tortura. Alfredo Stroessner, que governou o Paraguai entre 1954 e 1989, era reconhecidamente pedófilo, tendo abusado de pelo menos 1600 crianças. Esse indivíduo, o pior da história dos caudilhos, típico modelo do “macho”/ditador da América do Sul, foi elogiado como “estadista” em 2019 e apontado como modelo de patriota⁴.

Assim, a campanha eleitoral de 2018 foi marcada por elogios corriqueiros aos torturadores brasileiros, e por ameaças de trancafiar oponentes políticos em campos de concentração – a promessa pública de “levar toda a cambada esquerdista para a Ponta da Praia!” em alusão a um campo de ocultamento de cadáveres que funcionou durante o Regime Civil-Militar⁵. Como promessa eleitoral, unia-se a vontade exterminacionista, tendo nos modelos mais cruéis da América do Sul seu protótipo

³ Revista Fórum. Bolsonaro diz que é possível perdoar o Holocausto, 12 abr. 2019. In: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-e-possivel-perdoar-o-holocausto/>; El País. Bolsonaro elogia ditador paraguaio Alfredo Stroessner em público, 28 fev. 2019; Veja. Bolsonaro exalta ditadura de Pinochet no Chile e ataca pai de Bachelet, 04 set. 2019. Acessos em: 05 set. 2019.

⁴ Época. 7 Fatos sobre o Ditador – E Pedófilo Reiterado – Elogiado por Bolsonaro, 28 fev. 2019. In: <https://epoca.globo.com/7-fatos-sobre-ditador-e-pedofilo-reiterado-elogiado-por-bolsonaro-23486277> Acesso em: 07 set. 2019.

⁵ Bolsonaro promete enviar opositores para campo de extermínio. Discurso em São Paulo, 25 out. 2018. In: <https://www.obrasilfelizdenovo.com/bolsonaro-promete-enviar-opositores-para-campo-de-extermínio/>; EXTRA. 'Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria', diz Bolsonaro, 26 out. 2018. In: 'Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria', diz Bolsonaro. In: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/esses-marginais-vermelhos-serao-banidos-de-nossa-patria-diz-bolsonaro-23174407.html> Acesso em: 20 dez. 2018.

de regime político nacional, a uma clara ameaça às Instituições Republicanas amparadas na Constituição de 1988⁶.

A presença da tortura, e seu elogio, foi uma constante tanto no processo eleitoral, quanto no cotidiano de uma “revisão/negação” constante da história, onde a tortura, tratada e banalizada como noção de “corretivo” necessário aos “comunistas” e “esquerdistas”, equiparada ao tratamento dado tradicionalmente aos “bandidos” no país – o que é real –, englobados no vocábulo “va-ga-bun-dos”, escandido como significante organizador de toda a visão de mundo de amplas camadas sociais. Ao mesmo tempo, a normalização da tortura e a heroicização do torturador – em especial no “Caso Ustra” – são, ainda, considerados insuficientes, e aventou-se a necessidade de “matar”, “eliminar”, em vez de torturar os oponentes, acrescentando-se que a ditadura militar teria errado, sendo preferível matar uns 30 mil para “corrigir” a História⁷. Nos meses seguintes, após a posse do PSL, vários expoentes da “Nova Era”, não se contiveram sequer em defender o assassinato coletivo de oponentes políticos como forma de fazer avançar as mudanças que consideraram necessárias para implementação de seu programa político⁸.

A interpretação básica de tais proposições pela mídia, e pela elite política, que não acarretou quaisquer injunções penais contra os autores, remetem para excessos de retórica e para idiossincrasias pessoais, muitas vezes escorrendo para o campo do humor macabro, como se a linguagem (em especial a linguagem totalitária com sua carga explosiva de violência) não tivesse nenhum impacto sobre seus seguidores ou que a linguagem não fosse parte do mundo real. De qualquer forma, num país de passado escravista, onde o pelourinho ainda é visível em várias cidades, vilas e fazendas, a ideia de um “corretivo” contra os grupos subalternos é, em amplos seguimentos, bastante popular, explicando em parte a ascensão da Ultradireita nas eleições de 2018. Do mesmo modo, com uma epidemia de mortes todos os anos, e graves atentados políticos contra lideranças políticas, sindicais e partidárias – incluindo o presidente –, a apologia ao crime político permanece intocável.

Na verdade, conforme a análise que Ian Kershaw faz para a atuação oratória de Adolf Hitler, secundada pela análise de Christian Ingrao para a ação autônoma da elite dos SS, as declarações e os “incentivos” discursivos de Hitler tinham um forte impacto sobre os quadros do NSDAP e da Administração do Terceiro Reich, da mesma forma que os incentivos de Mussolini, do tipo “*Io tiro dritto*” (“Vamos em frente!”) ou “*Chi si ferma è perduto*” (“Quem para está perdido”) produziam uma

⁶ UOL. Bolsonaro promete “varrer esta turma vermelha do Brasil” em evento no Piauí, 14 ago. 2019. In: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/14/bolsonaro-promete-varrer-esta-turma-vermelha-do-brasil-em-evento-no-piaui.htm> Acesso em: 07 set. 2019.

⁷ FORUM. Jair Bolsonaro: “Erro da ditadura foi torturar e não matar”, 08 jul. 2016. In: <https://www.revistaforum.com.br/jair-bolsonaro-erro-da-ditadura-foi-torturar-e-nao-matar/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁸ El País. “Alguns assassinatos” para salvar o Brasil? 07 ago. 2019. In: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/06/opinion/1565092257_871967.html Acesso em: 13 jul. 2019.

“eletrificação” das milícias de *Camicie Nere* nas incursões sobre os “inimigos do Estado”. A fala não é neutra e o “socioleto fascista” – essa forma específica de fala fascista – desempenha uma clara função mobilizadora e normalizadora sobre a massa disponível para a fascistização.

Entre nós, assolados pelo fenômeno miliciano, sem dúvida tem efeitos imediatos.

Desde o trabalho seminal de Franz Neumann, em 1942, sabemos que militância nazista, e a burocracia do partido e do Estado e as FFAA competiam entre si no controle do Estado e a “captura” do *Führer* durante o Terceiro Reich⁹, muitas vezes numa luta destrutiva e, mesmo anárquica entre si, através do que Ian Kershaw denominou de “radicalização cumulativa”¹⁰. Dava-se, assim, uma intensa “corrida” para satisfazer o “Führer”, sem que este precisasse emanar ordens escritas, ou “Behfel”, genocidas explícitas para realizar suas vontades. Desta forma, carreiras e promoções eram alcançadas, no âmbito burocrático, através da melhor interpretação, e antecipação, dos desígnios “totalitários” e “exterminacionistas” do grande líder.

O regime assume, desde cedo, um rápido processo de radicalização (“*cumulative radicalization*”) visando a superação das crises internas, de um lado, e das disputas *intra* “bloco de poder”, de outro. Neste sentido, a burocracia do Estado, do partido e as FFAA disputam, por exemplo, interpretar as proposições antissemitas, exterminacionistas, de intervencionismo econômico e as medidas mais brutais de Hitler de forma cada vez mais aguda, normalizando o socioleto brutal e insultuoso, como no caso do jornal “Der Stürmer” – especialmente voltado para a sexualidade e o baixo corporal. Neste sentido, a camarilha nazista sentia-se autorizada a aprofundar a dança macabra de seu líder, não só repetindo as fórmulas brutais de racismo, homofobia e misoginia, como ainda aprofundando-as e, como no caso das SS – com as SA e a *Wehrmacht* –, disputando sua melhor prática.

Teríamos, então, que dar maior atenção as “*initiatives coming from below in the ranks of the German bureaucracy*” perante um ditador distante, ativo apenas nas questões militares e de política externa e sempre enfiado com a administração cotidiana – ou seja, os homens comuns, *the ordinary people*, nos regimes fascistas são os grandes responsáveis pela dinâmica interna e o processo de radicalização do próprio fascismo, tornando normais as medidas extraordinárias do Regime, como o fechamento de museus, de exposições e a censura de livros e as medidas mais cruéis, sempre visando antecipar e promover-se perante o grande líder¹¹.

A violência, vinda de baixo, e sua representação coreografada em corpos e gestos escolhidos como a cena do poder, desempenhou um importante papel no processo eleitoral brasileiro em 2018, como se forças profundas tivessem sido liberadas, permitindo uma extrema polarização da sociedade,

⁹ NEUMANN, Franz. *Behemoth: structure and practice of National Socialism, 1933-1944*. Chicago: Ivan R. Dee, 2009.

¹⁰ KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹¹ KERSHAW, Ian. *Stalinism and Nazism: Dictatorships in Comparison*, Cambridge: University Press, 1997.

...inclusive ensinando crianças a simular o gesto de armas, as declarações [desdenhosas e desrespeitosas] a respeito de mulheres e gays, a própria escolha de um vice [presidente] que vem de um passado associado à ditadura militar... O ato [...] em um palanque dizendo que vai metralhar petistas é muito expressivo. Esses atos naturalizam a violência e fazem com que fiéis eleitores se sintam autorizados a fazer o mesmo,

conforme a análise o sociólogo Dauto da Silveira, embora não seja necessariamente um processo imediato e generalizante [de fascistização], mas que emulam o processo de “radicalização cumulativa” típica dos regimes fascistas¹². Tais manifestações, por sua vez, autorizam e empoderam, desde funcionários do Estado a praticar a negação dos direitos de minorias até grupos de militância fascistas agredirem estas mesmas minorias, sem quaisquer receios de reação por parte da Justiça e/ou da Polícia, ações “normalizadas” pelo socioleto insultuoso do próprio poder executivo do Estado¹³.

É nesse contexto que representações de afeto – um beijo – entre pessoas homoafetivas num gibi, em si ações neutras, educativas ou simples diversão, são consideradas por agentes públicos, nos últimos tempos no Rio de Janeiro, como atentados contra a infância – os mesmos agentes públicos que se calam perante a espantosa morte de crianças por “balas perdidas”, além do incrível número de feminicídios e de crimes derivados da homofobia¹⁴.

Mesmo a violência política parece autorizada. Durante a campanha foram registrados 46 “atos violentos extremados” por parte de eleitores do PSL – inclusive o absurdo assassinato do músico Moa do Catendê – , 4 por eleitores do PT e 15 por eleitores não identificados diretamente com partidos, incluindo o atentado ao candidato do PSL. Mas, o que marcou mais profundamente o processo eleitoral foi a negativa do candidato em assumir uma firme posição contra a violência e, ao contrário, seus atos de incentivo à violência, como o uso da mímica – mesmo com crianças – de armas, a ameaça de “metralhar a petezada” e de “mandar para a Ponta da Praia” os oponentes. Segundo o “Relatório da Agência de Jornalismo Investigativo” “...os discursos inflamados do presidente eleito, Jair Bolsonaro

¹² NEXO. A violência na eleição. E o efeito do discurso dos políticos, 10 out. 2018. In: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/10/A-viol%C3%Aancia-na-elei%C3%A7%C3%A3o.-E-o-efeito-do-discurso-dos-pol%C3%ADticos> Acesso em: 20 dez. 2018.

¹³ IstoÉ. Presidente do TJ suspende liminar que barrava apreensão de obras LGBTs na Bienal, 07 set, 2019. In: <https://istoe.com.br/presidente-do-tj-suspende-liminar-que-barrava-apreensao-de-obras-lgbts-na-bienal/> Acesso em: 07 set. 2019.

¹⁴ Entre 2008 e 2018 foram 44 crianças mortas em meio a operações policiais, sendo que 63% do total em residiam em comunidades populares, eram negros ou pardos, a maioria em escolas, em casa, em veículos familiares ou entre a residência e a escola. A esse número deve-se acrescentar mais 9 mortes entre janeiro e setembro de 2019, já com a nova política de enfrentamento do Governo Witzel. Ver: R7 Rio de Janeiro. 63% das crianças mortas por bala perdida no Rio moravam em favelas, 13 fev. 2018. In: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/63-das-criancas-mortas-por-bala-perdida-no-rio-moravam-em-favelas-13022018> (há subregistro nestes dados). E ainda: Folha de São Paulo. Brasil tem 1 agressão a mulher a cada 4 minutos... 09 set. 2019. In: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml> Acesso em: 09 set. 2019.

(PSL), e a hesitação em condenar peremptoriamente os ataques colaboraram para a violência se perpetuar” – tudo isso mesmo após ter sido ele mesmo atingido pela violência política¹⁵.



Imagem 1: Moa do Catendê¹⁶

O mais espantoso peso das palavras – a função normalizadora do socioleto fascista – se dá quando se torna a *novilingua totalitária*, agora não mais um recurso da guerrilha política fascista, mas uma expressão cotidiana das instituições do Estado, em especial de instituições ou aparelhos do Estado com funções de polícia e, por isso mesmo, detentoras de parcelas do monopólio legal da violência em sua expressão simbólica, a *fala*. A ressurgência fascista foi até o momento extremamente feliz no Brasil, e na Alemanha – muito possivelmente avança na mesma direção na Espanha e na Itália de Matteo Salvini enquanto no poder – em conquistar, de baixo para cima, os imensos aparelhos policiais do Estado, paralisando a ação da Justiça, através da imposição do socioleto fascista. A melhor análise da linguagem totalitária, e de seus efeitos normalizadores, é proposta por Jean Pierre Faye e exemplificada por Victor Klemperer nas diversas etapas da mutação semiótica do idioma em socioleto com a função normalizadora do brutal e do inumano¹⁷.

¹⁵ PUBLICA. Violência eleitoral recrudescceu no segundo turno, 12 nov. 2018. In: <https://apublica.org/2018/11/violencia-eleitoral-recrudescceu-no-segundo-turno/> Acesso em: 20 dez. 2018.

¹⁶ *Moa do Catendê*: ou Romualdo Rosário da Costa, 63 anos, foi a assassinato a facadas, em Salvador, por um militante do PSL, após uma discussão sobre as eleições presidenciais. Moa, um militante antirracista e afro-brasileiro nasceu em Salvador e foi um artista ligado às tradições afro-baianas e valorização África. Compositor, dançarino, capoeirista, ogã-percussionista, artesão e educador, fundador do bloco de afoxé Badauê. O crime revestiu-se de características políticas e de ódio racial. Fonte: *Alma Preta*: Capoeirista Moa do Catendê foi morto a facadas por apoiador do candidato do PSL, 11 out. 2018. In: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/capoeirista-moa-do-catende-foi-morto-a-facadas-por-apoiador-do-candidato-do-psl>. Acesso em 31 jan. 2018. Imagem: https://pt-br.facebook.com/pg/MestreMoadKatende/photos/?ref=page_internal

¹⁷ FAYE, Jean Piere. *Langages totalitaires*: Critique de la raison narrative, critique de l'economie narrative. Paris: Hermann, 2004; KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2006.

O chocante caso do “*Nationalsozialistischer Untergrund*” (ou “Clandestinidade Nacional-Socialista”), na Alemanha, entre 2000 e 2007, onde a Polícia de Segurança do Estado, não só se infiltrou, como ainda participou, de ações da Extrema-Direita fascista, expressa a promiscuidade existente entre instituições do Estado e o subterrâneo das milícias fascistas. A ação das milícias no Brasil ainda não foi, em toda sua extensão, mapeada; contudo, o assassinato de Marielle e Anderson, em 2018, marcam claramente o envolvimento das organizações criminosas – incluindo o fantasmático “Escritório do Crime” – na política partidária e eleitoral¹⁸. No caso brasileiro, a vitória do PSL nas eleições de 2018 foi largamente devedora do trabalho voluntário de milhares de simpatizantes, nas redes sociais, oriundos das PMs, das polícias estaduais, guardas penitenciárias, bombeiros e demais entes do Estado, radicalizados e fascistizados desde as chamadas “Jornadas de 2013” e organizados sob a forma de milícias, virtuais e físicas.

Esse fascismo “institucional”, no bojo do Estado Liberal-Representativo, que serviu tão bem ao Liberalismo, no Brasil, no seu trabalho de repressão aos grupos sociais subalternos, decidiu assumir, ele próprio, a direção superior do Estado, colapsando as formas liberais e afastando os partidos tradicionais do jogo de poder. Desde as eleições de 2018, o número de “deputados-delegados”, “deputados-capitães”, “deputados-majores”, “deputados-PMs”, etc... eleitos em 2018 atesta claramente a ascensão dos grupos militares e policiais ao controle superior do Estado, ao lado, do voto massivo e a ação direta em direção ao candidato presidencial do PSL, resultando num processo de polícia-militarização do Estado brasileiro. Além disso, a pressão nos quartéis, de baixo para cima, provocou o “desenvergonhamento” das patentes superiores e o empuxo necessário para assumirem, “sob pressão das tropas” e “para evitar o pior” – forma pouco sutil de chantagear as instituições liberais-representativas em face da possibilidade do Golpe Militar clássico – o protagonismo político que levaria o bloco empresarial/fundamentalista/fascista ao poder em 01/01/2019.

É expressivo, no campo da violência simbólica, a adoção da *novilingua*, o socioleto fascista, pelas polícias. Em vários registros, e nas redes sociais, policiais “avisam” que a partir de 01/01/2019 “acabou a boa vida de marginal” e começou a “Nova Era”; “É o fim da viadagem (*sic!*)”; “Mulher vai para casa” e similares, emulando o espírito da campanha eleitoral, chegando ao ponto de Delegacias de Polícia estarem adesivadas com material de campanha da “galáxia PSL” – de um candidato que defende a tortura como meio eficaz de controle policial¹⁹.

¹⁸ Metrôpoles. Entenda a conexão do Escritório do Crime com a morte de Marielle, 23 jan. 2018. In: <https://www.metrolopes.com/brasil/justica/entenda-a-conexao-do-escritorio-do-crime-com-a-morte-de-marielle>, Acesso em: 02 ago. 2019.

¹⁹ PÚBLICA. Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país, 10 out. 2018. In: <https://apublica.org/2018/10/apoiadores-de-bolsonaro-realizaram-pelo-menos-50-ataques-em-todo-o-pais/> Acesso em: 14 dez. 2018.



Imagem 2: Linchamento e morte do jovem Cleidenilson em São Luís, Maranhão, em 12 jul. 2015²⁰

²⁰ A prática da tortura tornou-se, no Brasil, um tema conhecido quando durante o Regime Militar (1964-1985) centenas de presos políticos foram submetidos ao aviltamento físico, moral e psicológico em estabelecimentos públicos por forças do Estado (polícias e FFAA, algumas vezes com a participação de entidades privadas e empresas). No entanto, desde os Governos da República Velha (1889-1930), em especial no Governo Arthur Bernardes (1922-1926), a repressão e o uso de mecanismos e práticas brutais eram recorrentes. Durante o período do Estado Novo (1937-1945) a Polícia Especial, sob o comando Felinto Müller, torturou barbaramente os opositores do Regime Varguista – quando não se deu qualquer responsabilização pelos atos de terror do regime decaído abrindo-se uma prática de “esquecimento” e conciliação com as ditaduras – e mesmo depois da “restauração democrática”, de 1945, a tortura infiltrou-se nas práticas policiais, tornando-se célebre a “Escuderia Le Cocq”, a Invernada de Olaria, e as chamadas “Polícias Mineiras”. Os quadros das polícias varguistas foram integrados às polícias criminais sem quaisquer medidas de reparação às vítimas das brutalidades estadonovistas ou de controle das práticas torcionárias. A partir de 1964 a tortura torna-se, de novo, uma política de Estado e permanece presente em todos os níveis da atuação policial – tanto para presos comuns quanto para presos políticos e mesmo em estabelecimentos privados que se utilizam de guardas de segurança. Em 2019 dois supermercados em São Paulo foram denunciados em razão de sua guarda privada de segurança torturar – com chicotadas, espancamentos e choques elétricos adolescentes – pelo roubo de doces e alimentos. Na seção de “Carta dos Leitores”, em jornais como a Folha de São Paulo e UOL, boa parte dos assinantes defenderam a atuação dos seguranças como “necessária”. Sob beneplácito, e conivência da Ditadura, surgem ao final dos anos de 1960, os “Esquadrões da Morte”, milícias que executam “bandidos” e elementos considerados “antissociais”. O coletivo LGBT+ é normalmente torturado e seviciado em qualquer evento que envolva policiais, bem como as mulheres que trabalham na prostituição, essas são ainda exploradas por elementos policiais. Após 1985, com a reconstitucionalização do Brasil e a caracterização da tortura como crime hediondo, a tortura deixou de ser praticada por fins “políticos”, mas continuou sendo uma prática comum em delegacias, presídios e mesmo nas ruas nas relações entre Polícia e população, novamente não sendo alvo de qualquer medida reparadora em função da Lei da Anistia de 1979. A violência contra presos comuns na verdade aumentou e generalizou-se na repressão à criminalidade, transbordando para a total perda de controle das instituições policiais pelo Estado Liberal-Representativo. As polícias rapidamente fascistizadas assumiram uma postura vingativa e substituta da Justiça e mesmo ilegal, como no rumoroso Caso Amarildo, na Rocinha em 2013. Em pouco tempo grupos de policiais, bombeiros e guardas penitenciários organizaram-se em milícias que passaram a substituir o Estado em vastas áreas populares do Rio de Janeiro, implantando um “estado de terror” sob uma numerosa população e protegendo-se com ligações com partidos de Extrema-Direita nas assembleias estaduais e municipais em troca de votos e de apoio financeiro. Grandes quantias são movimentadas pela cobrança de serviços públicos e pelo fornecimento de “segurança” e pela livre circulação nas áreas dominadas pelas milícias, além de acordos setoriais de “paz” com o narcotráfico, chegando ao extremo de se constituir em empreiteiras de moradias de baixo custo, como no reduto de Rio das Pedras (RJ), com consequências terríveis. Boa parte da população, acuada pela insegurança, chantageada pelas milícias, e movida pelo terror plantado pelas redes sociais e pelo “jornalismo de sangue” das televisões abertas apoia a tortura e mesmo o linchamento de menores, mesmo no caso de crimes leves – muitas vezes julgados em tribunais paralelos e executados em formas cruelíssimas. Nem mesmo a Intervenção Federal, em 2018, conseguiu quebrar o domínio de políticos locais e milícias armadas em vastas áreas do Rio de Janeiro. A novilingua fascista, com sua coreografia da arma e livre porte e a promessa de “acabar com a bandidagem” vocaliza o medo das camadas

A tortura assumiu um papel diferenciador entre grupos políticos e projetos de futuro, tornando-se o eixo central no campo discursivo e na estruturação de narrativas revisionistas/negacionistas, colocando em questão a própria Constituição Democrática em países como na Espanha e Brasil, onde as anistias de 1977 e 1979, respectivamente, estão no centro do debate da impunidade e da permanência das práticas torcionárias pelos agentes públicos. A normalização da inumano, do sofrimento e da total solidão do indivíduo perante seu carrasco foi desconsiderada enquanto experiência limítrofe da condição humana. O mais surpreendente é que os partidos do chamado “arco constitucional”, e os políticos de partidos de Centro e de Centro-Direita, que deveriam estar competindo pela reestruturação do Centro político e restauração das formas institucionais, entraram na concorrência pela normalização do horror da desumanização da condição humana e aceitaram a narrativa revisionista.

O Partido Popular/PP espanhol – desde 1978 o depositário e administrador político de grande parte da herança do franquismo –, perante o inesperado avanço do (partido) Vox a partir de 2018, nega-se a conter, junto aos demais partidos constitucionais, o avanço fascista, e une-se ao Vox radicalizando seu programa em direção a Ultradireita. A “Opção Sueca” – uma ampla coligação constitucional antifascista é, em toda Europa e América Latina, uma exceção. O Centro político, e o Centro-Direita, optam preferencialmente pela deriva à Direita, a aliança fascista, como na Andaluzia e no Brasil, em 2018/19, do que em conter o fascismo. São os Direitos Sociais e Trabalhistas que pagam a conta da “deriva” fascista do Centro político, além da generalização da linguagem totalitária que se espalha pela sociedade, normalizando a violência simbólica, antessala da violência concreta²¹.

Exposições de Arte, peças teatrais, bienais de artes e do livro e performances que implicavam em manter viva a memória de lideranças assassinadas pela ditadura ou simplesmente defender avanços sociais e comportamentais, são atingidas por milícias paramilitares, virtuais e/ou movimentos parafascistas, por vezes pelo próprio Estado que deveria guardar a liberdade de expressão. Este foi caso da Bienal do Livro do Rio de Janeiro, 2019, atingida pelo poder instituído, municipal e judiciário, como afronta à infância – numa cidade onde mais se mata crianças por armas de fogo. Contudo o foco central recai nas manifestações artísticas que evocam a tortura e os torturadores, que passam a sofrer a

populares em face da ausência de uma eficaz política pública para a segurança cidadã e se sente atendida pela pregação de violência feita pelo fascismo. Na foto o linchamento e morte do jovem Cleidenilson P. da S., em São Luís, Maranhão, em 12 jul. 2015. Fonte: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/linchamento-de-jovem-divide-opiniao-de-moradores-do-maranhao-16739125.html>. ver ainda: EXAME: “No Rio de Janeiro a milícia não é um poder paralelo. É o Estado, 31 jan. 2019. In: <https://exame.abril.com.br/brasil/no-rio-de-janeiro-a-milicia-nao-e-um-poder-paralelo-e-o-estado/>. Acesso em: 31 jan. 2019. Ver ainda: SOUZA Alves, José Claudio. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2003.

²¹ EL País. La preocupación crece en el PP ante la fuga de votos a Ciudadanos y Vox, 01 fev. 2019. In: https://elpais.com/politica/2019/01/31/actualidad/1548966687_060822.html Acesso em: 01 fev. 2019.

censura dissimulada e ilegal de governos locais, numa vã tentativa de concorrer com as diretivas ultradireitistas e fascistas do Poder Executivo no processo de revisão da História.

Muitos líderes políticos e militantes da Ultradireita contemporânea passaram a vocalizar, de forma correlata ao fenômeno histórico descrito por Kershaw, as ameaças feitas pela alta direção do Fascismo. A “expulsão”, “eliminação”, “desratização” passaram a ser palavras de ordem no imediato pós-eleição, no Brasil, na Andaluzia e na Itália de Salvini, ameaçando o ambiente universitário, escolar, os altos institutos e os centros artísticos, ou as ONGs dedicadas aos migrantes e ao Meio-Ambiente. Tudo que envolvia arte, educação, ciências e políticas públicas para índios, negros, mulheres, refugiados e pobres passa ser alvo de uma campanha ultradireitista/fundamentalista que chega às raias do delirante, com o fechamento de exposições, proibição de peças teatrais e a retirada de livros e quadros de coleções públicas e da venda, misturando reacionarismo e uma visão do mundo apocalíptica, pré-modernista e pré-científica²².

A emergência do (partido) Vox na Espanha, com suas raízes falangistas e franquistas, revela um cenário muito próximo – embora a defesa da tortura seja incabível em qualquer outro país além do Brasil, ainda mais na Europa, mesmo para os ditos pós-fascistas, ao processo brasileiro. No afã de mudar a Constituição de 1978, que garantiu a transição para a democracia e o novo “Pacto Territorial”, e não apenas mudar o governo espanhol – o Vox propõe um retorno ao velho regime, com uma Educação cristã, a volta da mulher ao lar – para o que é necessário a revogação da chamada “Ley de Violencia de Genero”, alvo prioritário dos ultradireitistas espanhóis. Trata-se da utopia da Espanha rural, da grande propriedade, da vida bucólica sob o campanário da Igreja e da “madre tranquila” e, acima de tudo, uma luta sem tréguas aos chamados “soberanistas” catalães e bascos cujas regiões devem ser “ocupadas”. No entanto, é na Suécia, com os ‘Democratas Suecos’ e na Itália, com a “*Lega Nord/Noi Con Salvini*”, que os princípios fascistas se tornam mais claros, com fortes contornos racistas e o destemido elogio ao passado fascista.

No Vox, como no PSL, as proposições básicas, assumem um violento caráter de negação do Outro. A violência e seu cultivo – seja através da linguagem, seja através de coreografia codificada dos corpos que matam, da arma como continuidade do *corpo-que-falta* –, como vemos à perfeição no PSL, que a usa como complemento a uma *língua travada*, seja através do própria agenda comportamental, a violência desempenha um papel central na proposição de tais partidos. A fala, numa linguagem totalitária, é feita através dessa *língua travada*, apostrofada – que é em si um grito autoritário –, ao qual corresponde um corpo-ferramenta para violência, coreografado como armas, atitude sexual sublimada em agressão, expresso num balé corporal em que a arma é uma prótese que garante *aquilo-que-falta*, a

²² El País. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo, 13 set. 2017. In: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html Acesso em: 31 jan. 2019.

angústia que remete para a organização fálica do mundo, insegurança que esvazia toda a conquista e impõe um permanente medo de *mais-castração* – *tudo se resume e se reduz ao medo da des-importância, a miudeza, impotência, do falo: o medo de ser presidente-banana*. A fala entorpece, engana, prega peças: o plácido transmuta/transtorna e emerge como o real flácido num pesadelo perene entre o falo e pênis²³.

Nessa agenda a sexualidade só entra como metáfora da doença, vício e perversão. Não há uma sexualidade libertadora e gozosa, de realização. Todo sexo será sempre punido e o amor é segregado e, no extremo, e concebido como nojo: o amor fora do casamento, o amor entre jovens, o amor entre homens, o amor entre mulheres, o amor entre velhos... Tudo causa repulsa. O sexo deve ser higienizado, cuidado com os cuidados de enfermagem, como os ensinamentos que os sargentos davam aos soldados que frequentam bordéis em país ocupado.

As mulheres são fonte permanente de desconfiança, fraqueza, doença e desafio – sua geração e presença é descrita como “a fraquejada”. Animal dito inexplicável, “aquele que sangra sem morrer”. Devem ficar no “seu lugar”: o lar, a igreja, os serviços com os filhos e disponíveis para a obediência ao marido, ao pai e ao pastor/padre. Há na relação homem/mulher só autoridade, não amor. A sexualidade não discutida, posto que ameaça quebrar o vínculo de domínio exercido pelo homem, uma autoridade violenta, agressiva e torturadora.

O deslocamento do princípio de morte, explicitado na coreografia corporal e gestuário deslizante em direção a arma fálica se esvaziaria de sentido e o líder perderia a aderência derivada da transferência neurótica das massas caso a superioridade masculina fosse deslocada do seu pedestal através do debate aberto. Assim, é necessário manter a massa sob constante tensão/tesão sexual, ameaçada de *mais-castração*, seja pelo “kit gay”, seja pela promessa de uma mamadeira peniana, seja o pênis minúsculo ou amputado pela doença endêmica, como a parte visível e capaz de leitura (para o letramento pobre da massa fascistizada) da chamada “ideologia de gênero”.

Assim, como no caso do *Der Stürmer*, o conteúdo sexual da ameaça política é fundamental para manter a massa coesa e neuroticamente vinculada ao líder pela tensão/tesão. Aqui a ansiedade neurótica funciona por transferência/projeção: o líder ritualmente mostra sua “arma”, por linguagem corporal mimética, aos seguidores, prometendo com ela abater o inimigo com o intuito de acalmá-los, mantê-los coesos e mobilizados, ao mesmo tempo que renova o chamamento à violência simbólica e real num processo de radicalidade acumulativa. É esse discurso de ódio que permite uma língua comum aos extremismos, traço comum entre os fascismos históricos e os fascismos contemporâneos.

²³ COSTA, Ana Maria Medeiros da; BONFIM, Gaze Bonfim. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto *a. Ágora*, Rio de Janeiro, v. XVII, p. 229-246, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000200005>. Acesso em: 13/07/2019.

A construção de um imaginário povoado de fantasmas, em lugar de fantasias substitutas, sexuais tais como a mamadeira fálica, o *kit gay*, as aulas de homossexualidade e outras formas de perversão são diretamente elementos de universo infantil fantasioso capaz de explicar, via uma teoria “razoável” que desliza do real para o simbólico, o que causa a angústia e o mal-estar: o risco incompreendido do corpo-mulher, a perda-diminuição-castração do pênis, a possibilidade do gozo homossexual. Tal processo, típico do imaginário infantil – a necessidade de construção de uma explicação para as diferenças sexuais e os fenômenos sexuais em geral –, foi deslocado temporalmente da economia sexual infantil para a vida adulta, onde a realidade da cópula, da masturbação, do nascimento mas, acima de tudo, da diferença performática dos papéis culturais do feminino e masculino e sua intercambialidade, embora recalcados, continuam a causar mal-estar e dor psíquica. A oportunidade de se horrorizar perante o “*kit gay*” é uma “caixa” pandôrica e espetaculosa que aberta traria todo um universo de coisas “nojentas”, “sujas”, “indecentes” prontas para contaminar as crianças arrancando-as de um mundo limpo e dessexualizado onde estes adultos colocam sua própria infância imaginária. Ao mesmo tempo, se culpam pelo (auto)conhecimento, negado, de infâncias das quais não podem expulsar/recalar a força da sexualização, obrigando-os, desta forma, a culpar as “caixas”/“kits gays” às quais foram expostos em seu tempo pelos “adultos”, em processo que se faz renegação, na esperança de apagar todo vestígio de uma visão de mundo, uma crença que é substituída por uma outra, constituindo-se numa realidade alternativa²⁴.

O que querem não é defender as crianças de kits *gays* ou mamadeiras fálicas ou de gibis e quadrinhos onde super-heróis gays se beijam, mas, defender as crianças que moram neles que estão, ainda, apavoradas e culpadas, por terem vivido o gozo perverso e poliforme da sexualidade em suas próprias infâncias, que agora podem atribuir à alegorias de outros *kits gays* e mamadeiras fálicas sujidades impostas por adultos cruéis. Tais alegorias tornam-se em realidades psicóticas, alternativas, que são vividas como renegação, para além da repressão e do rebrote do sintoma, de uma sistema de crenças que ofende e dói nas relações intersubjetivas. A culpa do gozo precoce gerador de tanta dor – do qual querem afastar seus filhos – é dos *kits gays* impostos pela Esquerda, que para isso precisam existir.

As ameaças fantasiosas de “sexualização precoce” das crianças revela a eles mesmos o quanto se consideram crianças sexualizadas, perversas e masturbadoras, e o quanto não conseguem lidar com isso. Tais adultos viveram intensamente a angústia e a culpa perante sua própria sexualidade e agora castram a sexualidade do Outro como remissão da culpa.

A arma do mito é a oferta de garantia de segurança ante o medo neurótico da castração punitiva pelo gozo perverso vivido em culpa. Antes de tudo, porém, deve-se garantir a eliminação – a

²⁴ FREUD, Sigmund. *A Organização Genital Infantil* (1923). Rio de Janeiro, Imago, 1972.

“extirpação”, a “desratização”, “desentocar”, “eliminar” do inimigo: uma sucessão de vocábulos repetidos que remete ao universo do contágio, da epidemia e do vírus. Desloca-se para o grupo político e social, ao qual se atribui a carga do descaminho das crianças e, principalmente o medo da *maius-castração*, a resolução do mal-estar.

Para o Outro, eu quero impor o que me assombra. Para construir esse Outro é preciso primeiro descrevê-lo, designá-lo através do idioma fascista: delimitar o inimigo, construir o Outro conveniente é a função do socioleto fascista.

Para garantir a eficácia dessa *novilingua* é necessário, no entanto, criar o contrário do querer, posto que o fascista constrói uma agenda negativa. O contra-tipo disfórico por excelência é um *Outro* absoluto. No Nacional-socialismo, o “contra-tipo”, oposto ao ariano, é o Judeu: Racialmente Impuro/Feio/Calculista/Sexualmente luxurioso/Cosmopolita/Ateu.



Imagem 3: Der Stürmer²⁵

É importante destacar que a fixação sexual do *Der Stürmer* envolvia regularmente a narrativa de crimes sexuais de homens judeus contra jovens mulheres virginais “arianas”. Aqui fica evidente que a parte “fraca” – aquela que fraqueja perante a ameaça à raça –, pela qual o mal penetra, o sangue ruim

²⁵ Fonte: *Der Stürmer*, dez/1929. “O Ano está no fim. A luta continua” A caricatura do jornal coloca face a face o tipo ariano, que malgrado a fúria ariana, mostra os pretensos traços superiores e a boa construção racial frente ao judeu caracterizado por seus traços de “feiura” e orientalismo. In: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/sturm28.htm>. [*Der Stürmer* – O Atacante! – jornal semanário nazista criado e dirigido por Julius Streicher desde 1923 com circulação até 1945. Atingiu o seu máximo de tiragem em 1938 com 480 mil exemplares sendo parte fundamental da máquina de propaganda nazista, em especial na sua obsessão antissemita. Caracterizou-se pelo uso da caricatura como meio de propagação do ódio racial e da propagação do antissemitismo através da construção de um imaginário baseado no falseamento de crimes sexuais envolvendo judeus e “arianos”. Ver: KEYSERS, Ralph: *Der Stürmer*. Instrument de l'idéologie nazie. Une analyse des caricatures d'intoxication. L'Harmattan. Paris 2012].

contamina a raça superior, é a mulher, suscetível à sedução do judeu, sempre pronto a contaminar a raça superior. Esta mítica da contaminação da raça, via mulher, é antiga e traz em si um medo atávico do homem branco sobre a extrema luxúria e fertilidade do homem “asiático”, oriental ou negro. No famoso livro de Bram Stoker (1847-1912) – transformado em filme por F.W. Murnau, em 1922, refilmado centenas de vezes – o monstro fálico, o vampiro “Nosferatu”, que reside nos limites da civilização europeia e “invade” o país civilizado, onde disputa as mulheres aos homens brancos [três tipos clássicos; um aristocrata, um comerciante e um desbravador *yankee*] é um “oriental”, sedutor, que inocula seu sangue na mulher e daí contamina a civilização²⁶. Estes são atavismos da “fraqueza” da mulher, presente no fascismo italiano e, que, o nazismo manipula com destreza.

Nos extremismos contemporâneos será reeditada a imagem da inferioridade feminina via a construção da mulher “fraca”, improdutivo, “histérica”, que através da “ditadura do politicamente correto” e da manipulação da assim chamada “ideologia de gênero” quer impor ao homem privilégios que não possuem quaisquer suportes na realidade “biológica”. A fraqueza da mulher prejudica não só a família, como ainda as empresas e a sociedade, além de se negar ao seu papel fundamental que é ser mãe e dona de casa²⁷.

Os movimentos contemporâneos como #MeToo, #TimeUp ou #EleNão, que mobilizaram milhares de mulheres (e homens) contra abusos acumulados de homens poderosos e ameaças de consolidação no poder de homens com plataformas políticas misóginas, falocratas e homofóbicas, criaram simultaneamente, uma mobilização global contra o machismo falocrata. Criaram, também, o seu contrário: uma reação brutal contra a desestruturação de uma situação extremamente cômoda de subordinação das mulheres. No caso do Brasil, em face do movimento #EleNão, um político do PSL, publicamente, fez uma diferenciação entre as mulheres “direitas da Direita” e as “outras”: “As mulheres de direita são muito mais bonitas do que as de esquerda. Não mostram o peito na rua e não defecam para protestar”, afirmou: “Ou seja, as mulheres de direita são muito mais higiênicas que as da esquerda”²⁸.

Trata-se, evidentemente, de construir uma imagem de rejeição e nojo – sempre associado ao baixo corporal como repelente –, em relação às mulheres militantes e, assim, destacar e valorizar, deste ponto de vista, os agrupamentos de mulheres “de Direita”, provocando uma brecha no eleitorado

²⁶ WARWICK, Alexandra. Vampire and Empire: fears and fictions of the 1890s. In: Ledger, Sally (ed.). *Cultural Politics at the Fin de Siècle*. Cambridge: University Press, 1995, p. 202-220.

²⁷ GloboNews. “Não tem como mudar, diz Bolsonaro sobre salário menor para mulher”, 04 ago. 2018. In: <https://catracalivre.com.br/cidadania/nao-tem-como-mudar-diz-bolsonaro-sobre-salario-menor-para-mulheres/>. Acesso em 14 dez. 2018. Ver ainda: Folha de São Paulo. “Ninguém faz limpeza melhor que mulher”, diz deputado relator da terceirização, 23 mar. 2017. In: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/03/1869091-ninguem-faz-limpeza-melhor-que-a-mulher-diz-relator-da-terceirizacao.shtml>. Acesso em 14 dez. 2018.

²⁸ Valor. “Mulher de Direita é mais bonita e higiênica, diz Eduardo Bolsonaro”, 30 set. 2018. In: <https://www.valor.com.br/politica/5894411/mulher-de-direita-e-mais-bonita-e-higienica-diz-eduardo-bolsonaro>. Acesso em: 14 dez. 2018.

feminino, que não quereria ser visto como “sujo” e anti-higiênico. Desde então, as mulheres “de Direita” passam a ter um argumento – o “nojo” contra as militantes feministas – para se distinguir. É importante destacar a construção do diferenciador entre as mulheres “direitas de Direita” e as “militantes” apresentado por um político homem, branco, e claramente misógino: trata-se de elemento de higiene íntima das mulheres. Não se discute as agendas políticas ou as propostas levantadas. O debate é colocado em termos de: são mais ou menos “limpas” ou “higiênicas” as mulheres militantes? Isso numa linguagem de soldadesca referindo-se, em outro tempo, às mulheres de bordel. Essa é a resposta quando as mulheres, reunidas e mobilizadas, dizem que não mais vão aceitar a discriminação, a agressão, a violência, a imposição do trabalho doméstico e nem tão pouco o “tapinha” no lugar de trabalho e a gracinha machista em troca de salário menor. Ameaçados no seu cômodo espaço de sempre o machismo responde com linguagem de bordel, o que busca desqualificar a mulher-militante, como ainda traz em si uma ameaça velada à mulher “direita de Direita” sobre o que lhes pode suceder caso abandone a regra de ser “recatada e do lar”.



Imagem 4: Movimento #EleNão ²⁹

A “Lei Maria da Penha”, no Brasil, e a “Lei [de Violência] de Gênero”, na Espanha, são exatamente por isso acusadas de “tirania de gênero” e de “ditadura do politicamente correto”, posto questionar, e no limite criminalizar, o que o misógino e o falocrata considerava um direito seu. Da

²⁹ O Movimento #EleNão foi uma mobilização massiva de mulheres (e homens) contra uma agenda machista, misógina, falocrata e homofóbica no Brasil e ecoou movimentos como #MeToo com um conteúdo social muito intenso, além da exigência de justiça para caso Marielle e Anderson. A reação da Direita foi brutal, com uma fala desclassificatória tratando as mulheres no nível da “higiene”, “limpeza” e “beleza”, voltando reduzi-las à condição de desfrute masculino. Rio de Janeiro, 2018 (Foto do Autor).

mesma forma, os direitos de proteção da comunidade LGBTQ+ são considerados “ideologia gaysista” pelo simples fato de considerar assédio moral, piadas, ofensas e discriminação, no trabalho, na escola e nos lugares públicos, e no limite proteger a vida daqueles que são mortos pela única razão de sua sexualidade.

A fixação na condição feminina via o sexo, na luta contra o feminismo, acaba por construir campos de referência através de articulações e encadeamentos sintáticos de motivos disfórico que remetem para as mulheres “direitas” e as “militantes”, que devem ser apontadas como fontes de desestruturação da boa sociedade:

As mulheres	
As Mulheres “direitas de Direita”	As Mulheres “militantes”
Recatadas	Atuam na rua
Bonitas	Feias
Higiênicas	Defecam na rua
Solidárias com os homens	Competem com os Homens
Mães	Lésbicas
Religiosas	Ateias

A diferenciação – disfórica, negativizada, inferiorizada –, entre as mulheres “de Direita” e “de Esquerda”, não só serve para espezinhar os movimentos como #EleNão, mas possui uma função central de conter, sob uma forte censura social, aquelas que poderiam sentir-se tentadas a participar de alguma forma de mobilização, sob o risco de cair, perante o grupo ou comunidade, nos epítetos desclassificatórios apostos pela Direita.

A piada machista, misógina e falocrata, como também a homofobia, dita pelo homem branco, mesmo o pobre, é um ritual de autoafirmação, da mesma forma que a perseguição ao judeu pelo “ariano” pobre era uma afirmação de sua superioridade inata, insuperável, malgrado quaisquer condições sociais ou culturais. A perseguição e discriminação de grupos minoritários é uma forma de falsa transcendência num regime de deslocamento neurótico³⁰.

A ofensa e o insulto não se detêm perante o Outro macho: na competição, as mulheres são, também, dispostas como troféus. Assim, as esposas e filhas são, ou não, estupráveis, feias, ou desejáveis, conforme a virtude do macho em “ganhar” a melhor fêmea, transformada assim, em regressão histórica e psicológica, em butim, ganho e objeto de decoração e marca de vitória do “grande

³⁰ Ver sobre isso: BRUM, Eliane. “O Homem mediano assume o Poder”. In: El País. 03 jan. 2019. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html, Acesso em 03 jan. 2018.

líder”³¹. No inacreditável caso criado de ofensa a Brigitte Macron, uma série de homens – brancos, heteros e poderosos – decidiram travar uma batalha de poder e prestígio, em nível geopolítico, sobre o corpo de uma mulher, estranha ao processo em questão. Assim, os pretensos “dotes”, numa linguagem arcaizante e típica da falocracia, o poder entre chefes de Estado passou a ser medido pelos atrativos físicos de uma mulher e seu corpo, o troféu para o vencedor da disputa, descrita como um absurdo “concurso de ofensas” chauvinistas³². Para muito além de uma disputa machista, com termos impostos por um dos lados, o que causa espanto é a naturalidade da disposição pública do corpo da mulher como espaço para o gozo masculino, função central do relacionamento homem-mulher, e, simultaneamente, a liberdade de transformar corpos – tal como na tortura – em espaços da batalha política, manipulados, adjetivados e avaliados – sem qualquer pudor – por machos detentores de toda capacidade de juízo.

Toda a relação homem/mulher, como também pai/filhos, é marcada pelo medo, é assimétrica e enviesada, deve estar desequilibrada em favor do homem/pai/chefe/pastor, ou então o macho se sente ameaçado pela perda de seus privilégios considerados “de natura”, na explicação conservadora³³.

A convergência de ideias entre antifeminismo, e mesmo misoginia e antidemocracia no fascismo e na Ultradireita, se dá de forma a excluir a possibilidade de quebra do binarismo considerado “natural” da sociedade e de sua representação enquanto heteronormatividade. A díade certo/errado, bom/mal, raça superior/inferior deve ser acompanhada da clareza macho/fêmea – por sinal a linguagem nazista tendia sempre à substituição de “Frau” por “Weib”, acentuando o caráter da mulher como “reprodutora” – que para o fascista a democracia tende a apagar. A democracia seria o regime dos meios tons, da zona cinza, dos cruzamentos indesejados e sujos, da mestiçagem, onde predomina, em oposição à mulher “recatada e do lar”, a militante, a mulher feia, que “defeca na rua”.

Não só da mestiçagem racial, mas também da mestiçagem dos sexos, trazendo uma multiplicidade de “gêneros”, o espaço da performance, que confunde e nega o papel reprodutor do sexo para raça superior é o traço marcante da democracia, questionando o binarismo normatizador³⁴. Assim, os fascismos combatem na democracia a “anarquia dos gêneros”, a pretensa feminização do homem e as novas masculinidades e a entrada em cena dos sangues inferiores e o abastardamento da raça superior. A luta pela emancipação feminina é denunciada como uma “invenção judia” para solapar as bases da

³¹ UOL. Após Bolsonaro, Guedes também ofende Brigitte Macron: “é feia mesmo”, 05/09/2019. In: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/05/apos-bolsonaro-guedes-tambem-ofende-brigitte-macron-e-feia-mesmo.htm>, Acesso em: 06 set. 2019.

³² Europe 1. “On ne gère pas les relations internationales avec des concours d’insultes”, dénonce Le Drian, 08 set.. 2019. In: <https://www.europe1.fr/politique/brigitte-macron-vraiment-moche-on-ne-gere-pas-les-relations-internationales-avec-des-concours-dinsultes-denonce-le-drian-3918434> Acesso em: 09 set. 2019.

³³ Exame. Homem recorre à violência porque se sente intimidado por mulher, diz Moro, 07 ago. 2019. In: <https://exame.abril.com.br/brasil/homem-recorre-a-violencia-porque-se-sente-intimidado-por-mulher-diz-moro/> Acesso em 07 ago. 2019.

³⁴ BARD, Christine. A virilidade no espelho das mulheres. In: COURBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (orgs.) *História da Virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 120

Volksgemeinschaft e a democracia é o regime que permite que os inimigos do povo ajam livremente como mestiços, subversivos e gays.

O *Terceiro Reich* é, contraparte e exemplo, de uma construção “viril”, o contrário da democracia, “... o Estado racial (*völkisch*) [deve ser] a construção arrogante da força viril e das mulheres (*Weiber*) capazes de colocar no mundo verdadeiros homens,” como afirma Hitler no *Mein Kampf*³⁵.

O exemplo mais brutal, e tremendamente contemporâneo, é a tortura de mulheres militantes de Esquerda durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964/1985). A brutalização das mulheres, desde estupro até a manipulação/sevícias/mutilação dos corpos, com o uso de animais – cobras, ratos, baratas –, muitas vezes sem nenhum objetivo – como na peça teatral que inicia este artigo –, ergue-se como uma “vingança” ontológica do macho contra o corpo da mulher. A tortura do corpo feminino é uma vingança restauradora da impotência civilizadora que ameaça o modelo arcaico de virilidade. O torturador está imerso completamente no modelo arcaico autoritário de família e é, ele mesmo, um exemplo de personalidade autoritária. A família – tomada como denominação unidimensional pré-conceitual da qual os regimes fascistas e de Ultradireita erguem seus aparelhos de repressão – é a unidade básica de reprodução da dominação e de formação da mentalidade autoritária e de sua reprodução física e construção simbólica. A mulher que ousa romper as regras da submissão e enfrentar o macho dominante arrisca-se fortemente à sua vingança. Num trabalho recente, o sociólogo José Claudio Sousa Alves, explicando o “Caso Marielle”, lança luz ao submundo de horror fascista das milícias, e suas ligações políticas, no Rio de Janeiro:

Essas três mulheres [Marielle Franco, Patrícia Accioli e Tânia Maria Salles – morta por um câncer, embora estivesse na lista do “Escritório do Crime”], elas têm esse perfil. São mulheres com muita coragem, muita determinação, muita verdade do lado delas, elas não se subordinam, não se submetem. Esse tipo de mulher esses caras não suportam. Eles vão eliminar. Há uma misoginia total aí que eles não aceitam que qualquer mulher os trate assim³⁶.

Para além de toda a atividade política e da defesa dos Direitos Humanos que tais militantes exerciam, a sua condição de mulheres e as escolhas performáticas de gênero, causava para os milicianos, e suas ramificações fascistas, um mal-estar insuperável. Para além da questão política foram mortas por serem mulheres.

Trata-se de uma questão paradoxal: ensinado desde cedo a valorizar a força, o fascista vive pela força, odeia a fraqueza – busca nunca “fraquejar” –, algo que também foi ensinado a identificar com a mulher, no mais das vezes, com o fantasma da “mulherzinha” – um ser visto como a “falta”, realização

³⁵ THALMANN, Rita. *Etre femme sous le IIIe Reich*. Paris, Robert Laffont, 1982, p. 66.

³⁶ ALVES, José Claudio Souza. “No Rio de Janeiro a milícia não é um poder paralelo. É o Estado”, diz sociólogo. In: DCM, 28/01/2019, <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/no-rio-de-janeiro-a-milicia-nao-e-um-poder-paralelo-e-o-estado-diz-sociologo/> Acesso em 31 jan. 2019.

da castração, o duplo contrário. A educação castradora se reforça, em especial, quando soma à formação familiar, a formação em instituições totais do tipo quartéis e internatos, onde a masculinidade é transferida para a exibição peniana e, portanto, assombrada pela possibilidade de “fraquejar”, da perda e do risco da impotência”, geradora de uma compulsão pelo pênis, sendo sempre necessário medi-lo, compará-lo, afirmar sua onipotência erétil. Tal insegurança, jamais sanada, impõe a imperiosidade de uma prótese poderosa expressa na mímica da “arma”, prolongamento apaziguador do medo da “mais-castração”, transformadora do princípio da vida, profundamente afetado pelo medo, em princípio de morte.

Na sociedade moderna, a emancipação feminina, a autonomia das mulheres, em especial do gozo feminino ao qual se vê obrigado a propiciar para sua própria justificativa enquanto macho, exercem uma pressão insuportável ao falocrata, cuja resposta reside na maior parte das vezes na agressão. A única mulher respeitada, sacralizada, é a mãe, com quem vive uma relação dividida e esgarçada, posto que ao mesmo tempo que a respeita, não consegue tomá-la como exemplo extenso de relação com todas as mulheres, visto não ter conseguido uma separação pacífica e uma construção autônoma do *Eu* – posto o reconhecimento traumático e negado que a santa mãe, ao contrário da Virgem Maria, também fode, como qualquer outra mulher. Assim, deve “matar” em cada mulher o vínculo amado/odiado que o prende a essa mulher sacralizada/não-respeitada que é a mãe-fraca-dominadora, expressão perturbadora *daquilo-que-falta*, e portanto não merece respeito. Opera aqui uma regressão em direção às camadas profundas do Inconsciente, onde “...a mulher, que constituía o prêmio do combate e a tentação para o assassinato [do pai-tirano], foi provavelmente transformada na sedutora e na instigadora ativa do crime”, do qual os filhos a culpam, e, então, mitificam a figura do pai morto e destruído na figura de um herói-fundador ostentador do falo, o único completo, o retorno permanente³⁷.

Explica-se, assim, a incompletude do *Eu* fascista, sua insegurança e dependência/ódio da mulher, e busca constante *daquilo-que-falta*. Como defesa constrói, para si, a carapaça, a “armadura muscular” que nos fala Wilhelm Reich, num balé fálico ostentário. Valoriza a virilidade do grupo masculino, exclusivo e excludente de mulheres, que se reconhece nos exercícios físicos, nas armas e na disciplina bruta, onde o fascista se sente cômodo na companhia de outros machos, sem a ameaça da mulher emancipada. A arma e sua coreografia, tão velha como a guerra, é uma continuidade dos corpos que assegura uma garantia contra a impotência e uma falsa realização da virilidade, como no velho canto de treinamento

³⁷ FREUD, Sigmund. *A Psicologia de Massas e a Análise do Eu*. In: <https://professorsauloalmeida.files.wordpress.com/2015/08/grupos-e-massa-freud.pdf>, p. 42.

dos soldados americanos: "*This is my rifle* [gritando enquanto levanta a arma]/ *This is gun* [pronunciado enquanto segura o pênis]/ *One's for Killing/ The Other's for fun!*"³⁸.

Torturar é um substituto gozoso da perda da virilidade de homens que não sabem, não podem amar, posto que o falo é sempre um pênis ereto. As sociedades que viveram as ditaduras recentes ainda não tinham tido tempo para refletir sobre esse passado – ou renegaram coletivamente a sua própria história – quando foram cometidas por um novo espasmo de deglutição da memória. Como não havia um passado sadio, as realidades alternativas se impuseram.

As transições “pactuadas”, ou tuteladas, quando partidos políticos poderosos representantes das ditaduras e dos fascismos, como na Espanha, Chile, Brasil conduziram as aberturas democráticas, permitiram que muitos dos piores torturadores ficassem impunes. Ou ainda, pior do que isso, emergiram como ícones da ressurgência fascista. É o caso, por exemplo, de Antonio Gonzalez Pacheco, “Billy el Niño”, o mais conhecido, e odiado, torturador do tardofranquismo. Membro da “Brigada Político Social/BPS”, notabilizou-se pela crueldade, requinte e desenvergonhamento nas ações de tortura, nas quais, segundo as vítimas sobreviventes, empenhava-se com “*especial ensañamiento*”, sem esconder que o ato de torturar era, para ele, um momento de prazer ao qual se dedicava com afínco³⁹. Todas as medidas jurídicas para a punição de “Billy, el Niño” foram rechaçadas pela Audiência Nacional de Espanha sob pretexto de prescrição e da Lei da Anistia de 1977, e o ministro do Interior do PP, em 2018, recusou-se a cassar as medalhas de mérito policial outorgadas pelo franquismo ao torturador⁴⁰.

A votação de leis do feminicídio e a ampliação da noção de estupro, ou mesmo sua efetiva punição, são consideradas um insuportável ataque ao “modelo familiar”, na verdade ao “patriarcalismo autoritário”⁴¹, que na maioria dos casos, na maioria das sociedades, no nosso tempo, é a trincheira que resta de poder para o macho da espécie. Numa sociedade de extrema velocidade, do efêmero e do fugidio, onde o papel de macho dominante se torna líquido e os modelos de virilidade se esvanecem no desemprego, na robotização do trabalho, na perda globalista das referências, o exercício do poder doméstico – ao lado da violência ritual, explosiva, dos estádios de futebol agora sob severa crítica – é o único espaço restante de afirmação da autoridade subtraída socialmente do macho hétero e, comumente, branco. Daí a explosão da violência contra as mulheres. Não se trata de apurar o registro,

³⁸ AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In: COURTINE, J. J. (Org.). *História da virilidade: a virilidade em crise?* Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 248.

³⁹ El Diario. Las torturas y ensañamientos de Billy el Niño por los que no merece una medalla, 23 jun. 2018. In: https://www.eldiario.es/sociedad/fechorias-Billy-Nino-ensanamiento-torturados_0_784972536.html Acesso em 31 dez. 2018.

⁴⁰ TRUSCOTT, Sandra; GARCIA, María J. *A Dictionary of Contemporary Spain*, Londres: Routledge, 1998, p. 139.

⁴¹ ABOUDRAR, Bruno Nassim. Exibições: a virilidade desnudada. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade: A virilidade em crise?* Séculos XX-XI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 487-518.

mas de um fenômeno novo, de viés de crise social: a emergência do feminicídio como fenômeno de massa, como o “Verão feminicida” de 2019 na Espanha.

A mulher e a família, tal qual existiam no “modelo patriarcal autoritário”, tornam-se o centro da ação política dos fascismos – longe de ser uma questão lateral, ou uma “cortina de fumaça”, como imagina o reducionismo economicista, é o fulcro da ação fascista. Restaurar a dominação sobre a mulher – vista como uma entidade única e abstrata, a posse dos filhos, cuja a educação deve ser controlada, seja via a educação doméstica, seja via o controle e espionagem da escola e a extinção das formas alternativas de família – em especial as famílias homoafetivas (algo que ameaça duramente o modelo patriarcal de dominação) – é um objetivo político central.

Para o ideário da ressurgência fascista, como no caso do Vox, é fundamental “restaurar” uma pretensa ordem natural, de um mundo rural, campestre, onde a mulher ficaria restrita ao lar:

... eso se materializa en medidas para intentar frenar los divorcios –incluso en el caso de violencia machista ellos [o Vox] quieren obligar a recurrir a mediación–. También en la lucha contra el derecho al aborto o contra los matrimonios del mismo sexo y con la propuesta de políticas natalistas y maternalistas...⁴²

Da mesma forma, o medo e o pânico que as lideranças misóginas e falocratas demonstram perante as mulheres, expressas em ofensas – “sapatão”, “feias”, “sujas”, “feminazis”, chegando a afrontas e ameaças do tipo “só não estupro você porque você é feia!” – explicitam o imenso temor que esses homens têm das mulheres, do gozo feminino e emancipação. Um temor que remete a uma situação “arcaica”, às camadas muito profundas do inconsciente, onde o “crime” fundante da civilização – o parricídio dos filhos contra o pai controlador de todas as mulheres do clã – teria sua origem, “culpa”, na sedução das mulheres.

O fascismo opera sobre as mulheres uma cesura binária que divide a imensidão oceânica de ser mulher – enfim de *ser* humano – em tipo e contra-tipo com os quais o macho dominante poderia lidar pela subordinação ou pela simples exclusão-aprisionamento. Coube a De Grazia sintetizar – aliás uma categoria que os fascistas não reconhecem nas mulheres, posto ser considerado apanágio masculino, sendo as mulheres *analíticas*, jamais *sintéticas* – as noções de tipo e contra-tipo do feminino no fascismo:

⁴² ALABAO, Nuria. La guerra de Vox conta el feminismo. In: Tribuna. No. 197/ 28 nov. 2018, s/p. <https://ctxt.es/es/20181129/Firmas/23216/Nuria-Alabao-machismo-en-vox-masculinizacionneofascismo-Santiago-Abascal.htm> Acesso em 28 nov. 2018.

As mulheres	
Fascistas	Resistentes
“donna-madre”	“donna-crise”
Patriótica	Cosmopolita
Tranquila	Histérica
Rural	Urbana
Florida	Magra
Prolífica	Estéril

Fonte: De Grazia, Vitoria. *Le donne nel regime fascista* di Victoria De Grazia - Marsilio, Venezia 1993.

O papel da mulher é reduzido, em ambas das principais variáveis centrais históricas do fascismo – o fascismo italiano e o nazismo alemão –, a produção de filhos. O destaque central na domesticação dos corpos, na produção de famílias extensas, na construção da figura materna como modelo feminino resultava, mais uma vez, num contra-tipo altamente virulento contra a mulher que se recusava ao papel de “corpo para o Partido, corpo para o Estado” – daí a punição do corpo rebelde. A caracterização de tais mulheres como “asoziale”, “antissociais”, contrárias aos interesses da “*Volks-gemeinschaft*” – de produzir novos soldados e camponeses para o “Império”, o “Reich”, resultava na sua condenação. Na Itália fascista milhares de mulheres, exaustas da intensa exploração – de classe e de gênero – foram internadas em manicômios como loucas, perturbadas, “degeneradas” por não assumirem as funções “naturais” da mulher, ou simplesmente sob a etiqueta de “mãe desnaturada” – “contra natura”. A presença, nos fichários do manicômio estudado, predominantemente de mulheres de grupos sociais subalternos, explicita o uso da psiquiatria como uma forma de controle social, em especial em relação a norma oficial estabelecida pelo fascismo para o que seria “mãe”, esposa e mulher. O grande número de mulheres presente é formado por camponesas, saídas de um mundo rural desestruturado pelo avanço do grande capital e da subsunção da agricultura aos interesses da grande indústria do Norte italiano, muitas com famílias de mais de dez filhos, e que tinham, ainda, que trabalhar em casa e no campo. Também mulheres jovens, filhas mais velhas, e já exaustas, deprimidas e traumatizadas compunham o universo das internas⁴³.

⁴³ VALERIANO, Annacarla. *Malacarne*. Donne e manicomio nell'Italia fascista. Roma, Donzelli Editore, 2017.



Imagem 5: Mulheres revolucionárias (internadas) italianas ⁴⁴

Muitas dessas mulheres são claramente subnutridas, vítimas de doenças endêmicas, algumas portadoras de sífilis, contaminadas por seus próprios parceiros.

A “Eva” eternamente sedutora e “culpada” pela perda do “paraíso” terrestre seria a fonte da perda do homem e, por isso, de toda a desconfiança e rancor, mas ao mesmo tempo necessária para reprodução e criação dos filhos. A projeção do catolicismo/cristianismo conservador é profunda sobre a construção de tais fantasmagorias, em especial no exitoso constructo denominado “ideologia de gênero”, oriundo do controle doutrinário do Vaticano, hoje assumido por diversas Igrejas⁴⁵.

No Brasil, em 2016, 8% de todas as mulheres, ou seja, 3.9 milhões sofreram algum tipo de ofensa sexual, sendo que 4%, algo como, 1.9 milhões, com armas; das quais, 3%, num total de 1.4 milhões foram violentamente espancadas, enquanto 1% do total de todas as brasileiras levaram um tiro!⁴⁶

Esse não é, no entanto, um fenômeno brasileiro. Na Espanha, onde avança o Vox, a agenda fascista afirma que os homens são vítimas de complô feminista contra os “bons homens heteros” e impõe ao conjunto dos partidos do “arco da direita” (PP, Ciudadanos) uma pauta que remete a uma sociedade que elogia a violência coreografada: *“Sí a los toros, sí a la caza, sí a las tradiciones, sí a la vida rural,*

⁴⁴ Durante o fascismo, na Itália, mulheres revolucionárias, inconformistas, com atitudes de rebeldia contra uma vida de intensa exploração, por parte de familiares – maridos, pais, irmãos e mesmo filhos – foram internadas em manicômios, muitas vezes por orientação de párocos locais, como exemplo de disciplina e de norma repressiva. VALERIANO, Annacarla. *Malacarne: Donne e manicomio nell'Italia fascista*. Roma, Donzelli Editore, 2017.

⁴⁵ Cf.: “Os Cinco Mandamentos da Ideologia de Gênero” In: <https://padrepauloricardo.org/blog/os-cinco-mandamentos-da-ideologia-de-genero> Acesso em 31 jan. 2019.

⁴⁶ EXAME. Os números da violência contra mulheres no Brasil, 08 mar. 2018 In: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>. Acesso em 20 dez. 2018.

*sí a la derogación de la ley de memoria histórica, sí al cambio de la ley de violencia de género, sí a Andalucía, sí a España!*⁴⁷

A luta do PSL contra a emancipação feminina, contra a Lei Maria da Penha e os Direitos do Coletivo LGBTQ+ é a mesma luta do Vox conta a “Lei de Violencia de Género” e os Direitos do Coletivo LGBTQ+ na Espanha. Essa linguagem comum, esse *idioma circular fascista*, decorre das condições comuns da sociedade repressiva existente. A fúria fascista *contra* mulheres, negros, *grupos regionais* – Nordestinos no Brasil, *Meridionali* na Itália, Catalães e Vasco na Espanha – e LGBTQ+ não é uma “cortina de fumaça” ou uma idiossincrasia. Trata-se, claramente, de ódio dirigido em razão do risco de fragmentação do domínio histórico e psicológico da violência machista, em especial contra a mulher e o povo LGBTQ+.

Daí emerge uma condição descrita por Jean Améry como a completa perda de confiança no mundo – “*Weltvertrauen*” –, a solidão existencial absoluta, a prisão e o medo na sua própria casa ante a violação do corpo, que deixa de ser seu e passa a estar disponível para a violência do *Outro*, agressor e torturador. É inútil o recurso à família, que verá na vítima só doença, histeria, degeneração e, ao mesmo tempo, a inutilidade do Estado – seja ele a Escola, a Clínica, a Polícia, posto que este – na expressão dos aparelhos de Estado – se fascistizam rapidamente e em primeiro lugar, transformando-se bem mais em *loci* de repressão e conformismo do que em meio de defesa do indivíduo⁴⁸.

Marcamos aqui um ponto fundamental: as palavras têm peso e desempenham um papel no processo de fascistização. O socioleto fascista, a linguagem totalitária, exerceu um papel fundamental para normalizar a violência e naturalizar o desumano, em especial o cotidiano da tortura. Ainda uma vez nas palavras de Améry:

... [na] sua carne realiza-se totalmente na negação de si mesmo. [...] Somente na tortura, a encarnação [*“Verfleischlichung”*, tornar-se carne] do homem torna-se completa: uivando de dor, o torturado [...] é apenas corpo e nada além disso.⁴⁹

Podemos repetir, com Jean Améry que a tortura, para o nazismo, “não era acidente, mas sua essência” – “*kein Akzidenten war, sondern seine Essenz!*”. Para as ditaduras e o fascismo torturar é sua natureza mais essencial, é o elemento que gratifica em gozo os fascistas e que dá a eles a necessária noção de recuperação da potência perdida e a grandeza da “Nova Era”. Sem a tortura, já anunciada na

⁴⁷ EL DIARIO. Feminismo y Vox, 13 dez. 2018. In: https://www.eldiario.es/barbijaputa/VOX-juez_serrano-elecciones_andaluzas-barbijaputa_6_833676637.html Acesso em 14 dez. 2018.

⁴⁸ AMÉRY, Jean. Jenseits von Schuld und Sühne. Bewältigungsversuche eines Überwältigten. In: SCHEIT, Gerhard (org.). Werke Band 2. Jenseits von Schuld und Sühne. Unmeisterliche Wanderjahre. Örtlichkeiten. Stuttgart: Klett-Cotta, 2002, p.7-177, p. 79.

⁴⁹ AMÉRY, Jean. Jenseits von Schuld und Sühne. Bewältigungsversuche eines Überwältigten. In: SCHEIT, Gerhard (org.). Werke Band 2. Jenseits von Schuld und Sühne. Unmeisterliche Wanderjahre. Örtlichkeiten. Stuttgart: Klett-Cotta, 2002, p.7-177, p. 74.

novilingua, seja no socioleto do ódio, seja na coreografia do corpo-arma, a sedução fascista seria muito menor.

Ou impossível.

Recebido: 14 de agosto de 2019

Aprovado: 17 de outubro de 2019